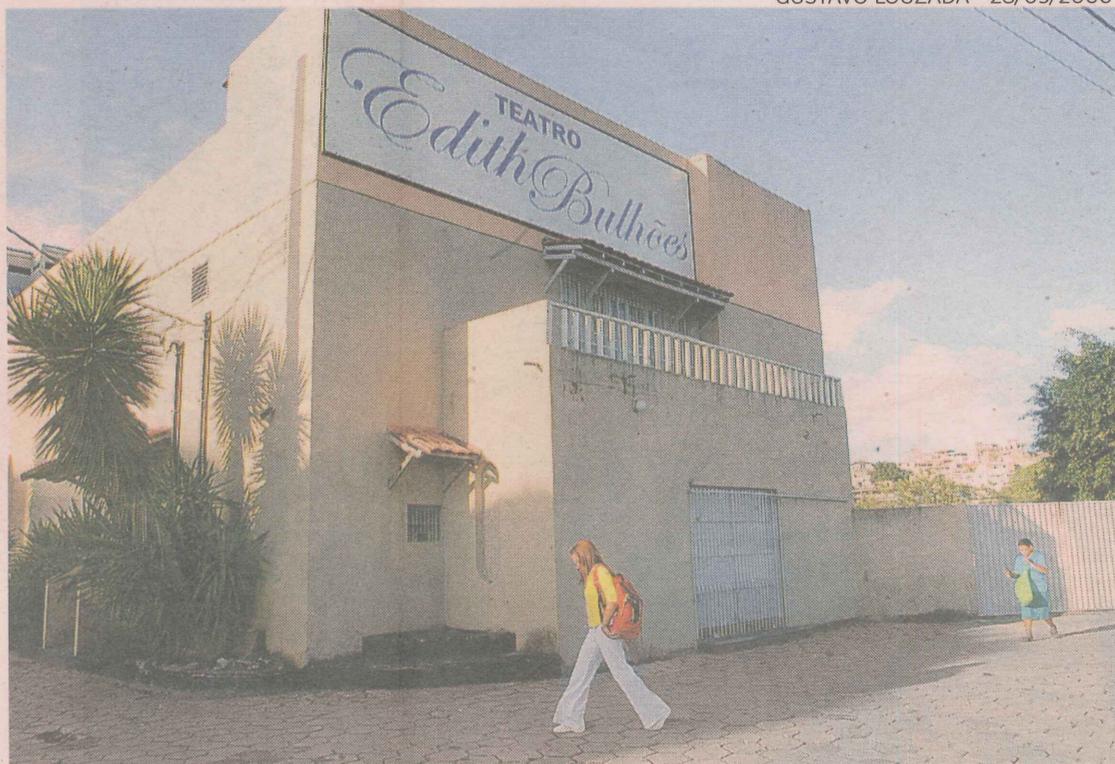


11.697

TEATRO. Vitória precisa de salas pequenas e médias para absorver a produção local, que perdeu espaços tradicionais nos últimos anos

GUSTAVO LOUZADA - 28/09/2006

Caem o pano, as paredes... A luz se apaga. Ficam os sonhos



BRUNO MIRANDA - 09/12/2004



CRISE. A demolição do Teatro Edith Bulhões (antigo SCAV), em agosto de 2010, e o fechamento do Teatro Galpão, em janeiro de 2011, deixaram os artistas locais órfãos de palco para temporadas contínuas; articulista propõe soluções

Luiz Tadeu Teixeira é jornalista, diretor de teatro e cinema. Atualmente apresenta o programa CurtaVÍdeo na TVE-ES. lualte@terra.com.br

“

O povo sabe o que quer, mas também quer o que não sabe”
(Gilberto Gil)

Em menos de seis meses Vitória perdeu o Teatro da Scav e o Teatro Galpão. Agora a ameaça paira sobre o Armazém do Porto e o Espaço Multicultural de São Pedro. O que é isso? Ataque aéreo? Terremoto? Epidemia de burrice? O último a sair nem precisa apagar a luz e fechar a porta. Luz? Que luz? Portas não existem mais. Fecham as cortinas, caem as paredes, apagam-se os sonhos...

O Scav e o Galpão, teatros particulares, eram os únicos capazes de abrigar temporadas contínuas de produções locais. Com isso, viraram peças-chaves na cadeia produtiva que poderia sustentar a atividade do artista e técnico em espetáculos em bases profissionais. Sem esses espaços fica difícil viabilizar a produção local. A menos que classe artística, público, formadores de opinião, empresários e governo formem uma corrente capaz de rever-

ter uma situação altamente desfavorável a todos.

Ter médios e pequenos teatros capazes de absorver a produção é fundamental para a manutenção do calendário local de espetáculos, a exemplo do que ocorre em capitais como Curitiba e Belo Horizonte. Sem esses teatros fica inviável manter uma peça, um balé ou um show musical em temporada contínua, condição indispensável para viabilizar esses projetos e o desenvolvimento artístico e profissional de quem deles participa. Os teatros públicos, de médio e grande portes, geralmente têm sua programação fracionada, intercalada com espetáculos de vários gêneros e procedências. Dificilmente será viável neles pretender mais que um final de semana para produções, locais ou visitantes. E as produções nativas, sem nomes de apelo comercial no elenco, sem um bom suporte financeiro para ban-

car uma eficiente publicidade, raramente se viabilizam. Precisam de mais tempo para que aconteça o boca a boca, para que o espetáculo e o artista amadureçam em contato com o público.

É preciso buscar parcerias para que novos espaços sejam criados. Existem muitos locais desativados no Centro de Vitória, galpões e auditórios vazios ou subutilizados que adaptados poderiam integrar uma rede de teatros. O ideal seria que os grupos tivessem seus espaços, suas bases, para ali desenvolverem seu trabalho, sua linguagem, formassem seu público.

Hotéis, escolas, empresas e auditórios diversos são locais potencialmente capazes de abrigar um teatro. A questão agora é viabilizá-los. Nessa hora entrariam os órgãos públicos com incentivos. Poderia ser a isenção do IPTU (como ocorre com as igrejas), o lançamento de editais ou programas específicos para a criação e a manutenção desses espaços. De que adianta a Lei Rubem Braga ou os editais da Secult criarem mecanismos para a produção de espetáculos se não existirem espaços para levá-los ao público, que, afinal de contas, é o objetivo de todos? É claro: apenas espaços para

apresentar espetáculos não resolvem. É preciso também montar espetáculos que interessem ao público. Mas aí é outra história, outro desafio.

Um produtor teatral norte-americano, Joe Kantor, saudoso realizador de grandes projetos teatrais em São Paulo, onde vivia nos anos 60, costumava dizer que “não existem teatros deficitários, mas espetáculos fracassados”. Kantor garantia que se o espetáculo interessasse ao público este iria até embaixo da ponte para assisti-lo.

Pontes não nos faltam. Mas é preciso percorrê-las para chegar ao outro lado.